
A imprensa na formação da gramática dos direitos humanos no Brasil: uma estratégia educativa¹

Ana Luisa Zaniboni GOMES²
Universidade de São Paulo, SP

Aldo Patrício Flores QUIROGA³
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP

Resumo

Discutimos neste artigo formas e estratégias adotadas por jornalistas para pautar e produzir reportagens sobre direitos humanos na imprensa brasileira. Tal análise se dá a partir de registros de mais de quatro décadas de um dos principais e mais antigos prêmios sobre direitos humanos e jornalismo no Brasil. Entendemos que a compreensão desses mecanismos pode contribuir tanto na ampliação desse tipo de cobertura nos mais variados veículos de mídia do país quanto no estudo de métodos de trabalho dos profissionais das redações. Tal desvelamento pode beneficiar tanto o público leitor quanto estudantes e pesquisadores da área por demonstrar e estimular a importância da imprensa na gramática dos direitos humanos, na formação da cidadania e na defesa dos valores democráticos.

Palavras-chave: imprensa; discurso jornalístico; direitos humanos; formação; uso de mídias.

Introdução

Este artigo tem origem em consultas ao acervo de quatro décadas de um dos principais e mais antigos prêmios sobre direitos humanos e jornalismo no Brasil e em práticas reflexivas de mais de dez anos na organização e gestão desta premiação (GOMES, 2016; 2020). Decorre também de uma pesquisa de mestrado focada nas estratégias adotadas por jornalistas premiados para a produção de pautas sobre direitos humanos na imprensa brasileira (QUIROGA, 2019). Referimo-nos ao Prêmio Jornalístico

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação durante o XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação - evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista profissional diplomada, diretora da OBORÉ, pós-doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Curadora do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos desde 2011. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas da ECA-USP/CNPq e atual vice-coordenadora do GP Comunicação e Educação. E-mail: analuisagomes@obore.com

³ Jornalista profissional diplomado, documentarista, apresentador e editor-chefe na TV Cultura /Fundação Padre Anchieta (SP). Coordenador das Rodas de Conversa com os ganhadores do Prêmio Vladimir Herzog desde 2012. Docente do curso de Jornalismo da PUC-SP e doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: apfquiroga@gmail.com

Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos⁴ (PVH), criado em 1978 com a finalidade de reconhecer jornalistas, repórteres fotográficos e artistas do traço que, por meio de seu trabalho cotidiano, contribuem para a promoção dos Direitos Humanos e defesa de valores democráticos no Brasil.

Desde então, profissionais de todo o país e de todos os tipos de mídia participam, anualmente, do concurso cujos vencedores são definidos em sessão pública de julgamento como forma de garantir transparência no processo de seleção. De 1978 a 2020, foram cerca de 1.300 premiados. Respondem pela organização do Prêmio treze entidades e instituições ligadas à área da comunicação, do jornalismo e dos direitos humanos como Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji); Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo (CPJ); Conectas Direitos Humanos; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP); Sociedade Brasileira dos Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom); Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB Federal); Ordem dos Advogados do Brasil - Seção São Paulo (OAB-SP); Ouvidoria da Polícia do Estado de São Paulo; coletivo Periferia em Movimento; Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP), Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e Instituto Vladimir Herzog.

Respeitando a tradição de quase quatro décadas, o reconhecimento aos vencedores do Prêmio Herzog materializa-se na forma de um troféu idealizado pelo artista plástico Elifas Andreato. Não há premiação em dinheiro. Além de manter o repositório das reportagens premiadas disponível para consulta, o que é raro entre as premiações nacionais, a comissão organizadora decidiu, em 2012, ampliar o acesso público ao acervo, particularmente a professores e estudantes dos cursos de jornalismo e comunicação. Para isso, adota proposta complementar à tradicional cerimônia de premiação: as Rodas de Conversa do PVH, concebidas como uma atividade educativa para incentivar a troca de experiências sobre o processo de criação dos trabalhos premiados.

As Rodas colocam à disposição dos profissionais, estudantes, pesquisadores e professores o conhecimento sobre métodos e procedimentos que estão na construção de algumas das reportagens reconhecidas como das mais importantes da imprensa brasileira.

⁴ O histórico da criação do Prêmio e seu acervo de quatro décadas estão disponíveis em <http://premiolvladimirherzog.org/o-premio/>

Trata-se de iniciativa pioneira na história de um prêmio jornalístico no Brasil e um símbolo forte da passagem do bastão entre as gerações.⁵

O que nos chama especial atenção nos relatos que presenciamos nas várias edições das Rodas - o foco de abordagem neste artigo – são as estratégias referidas por jornalistas para superar dificuldades impostas aos temas de direitos humanos – tanto por conta da complexidade da abordagem quanto pela falta de equipe e recursos para grandes reportagens, e também devido ao caráter ideológico e interesses econômicos de grupos que sustentam os grandes veículos de mídia. Entendemos que a compreensão desses mecanismos pode contribuir tanto na ampliação desse tipo de cobertura nos mais variados veículos da imprensa do país quanto no estudo de métodos de trabalho dos profissionais das redações. Tal desvelamento, se considerado como estratégia educativa, também pode beneficiar tanto o público leitor quanto estudantes e pesquisadores da área por demonstrar e estimular a importância da imprensa na gramática dos direitos humanos e na defesa dos valores democráticos.

Para tal verificação, utilizamos registros de gestão das várias edições da premiação, relatórios executivos e de avaliação anual, além de recorrer a depoimentos coletados junto aos premiados em algumas edições da Roda de Conversa. Assim, pudemos compreender como esses valores se enfrentam na arena das redações e como influenciam a geração de efeitos de sentido nas publicações aparentemente polêmicas como as tematizadas neste campo.

A imprensa e a gramática dos direitos humanos

O ano de 2018 marcou os trinta anos da promulgação da Constituição de 1988 aprovada quando o país dava seus primeiros passos na redemocratização após duas décadas sob ditadura civil-militar. No texto de 245 artigos, entre as definições de Estado, sistema de governo e particularidades do funcionamento da democracia ressurgente, aspectos da cidadania e obrigações poder público se destacam. Entre elas, a assistência social e a ampla garantia dos direitos fundamentais.

O pacto nacional defendido pelos então 559 deputados constituintes, apesar de seu caráter democrático e liberal, contrariou interesses econômicos dentro e fora do país

⁵ Ver detalhes sobre as Rodas de Conversa do Prêmio Vladimir Herzog em: <http://premiolvladimirherzog.org/rodas-de-conversa/>

a ponto do presidente da República da época, José Sarney, dizer que a partir dali o país poderia se tornar ingovernável tamanha eram as exigências impostas pelo novo marco legal ao Estado.⁶

Em três décadas que sucederam a promulgação da Constituição Cidadã, vivemos dois processos de *impeachment* de presidentes – Fernando Collor e Dilma Rousseff, e a eleição de um governo conservador, liderado por Jair Bolsonaro, defensor de práticas adotadas no período ditatorial que muitos julgávamos sepultadas.

O modelo de país e os valores humanísticos sustentados pela Carta de 1988 – especialmente o Artigo 5º nos quais direitos fundamentais como moradia, saúde e educação são direitos de todos os cidadãos e dever do Estado - passam, atualmente, por revisão de pontos importantes, limitando os compromissos da nação com o futuro do seu povo.⁷

As bancadas no Congresso Nacional, base de apoio do atual governo, que defendem os interesses de grupos conservadores ligados às oligarquias, a igrejas, ao agronegócio e aos principais grupos econômicos têm, desde 2019, o Executivo e a maioria nas duas casas legislativas com capacidade de aprovar leis como a revisão do Estatuto do Desarmamento, modificação dos trâmites legais de demarcação de Terras Indígenas e Quilombolas, por exemplo, reduzindo a garantia do acesso à terra por populações tradicionais ou o sucateamento dos setores de fiscalização que deveriam coibir o uso do trabalho análogo à escravidão, principalmente nas grandes propriedades rurais.

Em outra frente, cresce no bojo da sociedade discursos anti-científicos, conservadores e de apoio a medidas extremas contra minorias e dissidências, insuflados inclusive por autoridades do poder público. Esse fenômeno está presente em boa parte da comunidade internacional, com ataques abertos promovidos por líderes democraticamente eleitos contra órgãos de imprensa que apontam denúncias ou críticas aos governos em seus vários níveis de gestão.

Este contexto nacional e internacional se reflete também nas redações, ambiente operacional dos jornalistas. A precarização das relações de trabalho é a primeira ameaça a essa categoria. Além disso, processos judiciais abusivos e ameaças à integridade pessoal e profissional do jornalista são formas de silenciar discursos que contrariam os interesses

⁶ Ver Constituição Federal em <http://www.senado.leg.br/atividade/const/constituicao-federal.asp>

⁷ Ver Artigo 5º em https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp

dominantes. Não à toa o Brasil está hoje entre os países mais perigosos para o trabalho de comunicadores no mundo (CPJ, 2020; RSF, 2019; FENAJ, 2019).

Segundo a Fenaj, 2020 foi o ano em que jornalistas brasileiros mais arriscaram suas vidas, tiveram suas condições de trabalho mais precarizadas e sofreram ainda mais ataques violentos por estarem cumprindo seu papel social. No ano anterior, a entidade já alertara a sociedade brasileira para a situação de violações à liberdade de imprensa no país, claramente associadas à ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República.

Naquele ano, o número de casos de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas chegou a 208, um aumento de 54,07% em relação ao ano anterior, quando foram registradas 135 ocorrências. Mas em 2020, a situação agravou-se. Houve uma verdadeira explosão da violência contra jornalistas e contra a imprensa de um modo geral. Foram registrados 428 episódios, 105,77% a mais do que em 2019. A descredibilização da imprensa, como no ano anterior, foi a violência mais frequente: 152 casos, o que representa 35,51% do total. O presidente Jair Bolsonaro, mais uma vez, foi o principal agressor. Sozinho foi responsável por 175 casos (40,89% do total): 145 ataques genéricos e generalizados a veículos de comunicação e a jornalistas, 26 casos de agressões verbais, um caso de ameaça direta a jornalistas, uma ameaça à TV Globo e dois ataques à Fenaj. (FENAJ, 2020, p.4).

Documento recente da Abraji produzido em parceria com o Observatório de Liberdade de Imprensa da OAB Federal também aponta que jornalistas que realizam coberturas sobre questões políticas ou sociais, por exemplo, são alvos comentários ofensivos e ameaças de violência física ou sexual, em particular, as mulheres - um fenômeno em crescimento nos últimos anos. “Assédio online aos jornalistas interfere profundamente nas liberdades de imprensa, de expressão e no direito de exercício da profissão, bem como no direito de acesso à informação por parte do público em geral”. (ABRAJI, 2021).

Nesse cenário de ameaça aos direitos fundamentais tanto de profissionais da imprensa quanto de populações vulneráveis, cresce de importância a cobertura jornalística sensível para visibilizar a diversidade de cenários do país. Entender, portanto, os mecanismos que os próprios jornalistas desenvolvem no cotidiano para lidar com tentativas de silenciamento de notícias pode ajudar a promover e ampliar a cobertura qualificada dos veículos nacionais de imprensa e também os produtos laboratoriais dos cursos de jornalismo – daí privilegiar as práticas educativas na estrutura central deste concurso jornalístico.

Uma estratégia educativa

A busca e elaboração de instrumentos pedagógicos são recursos importantes na medida em que são facilitadores da prática educativa e comunicativa, sobretudo quando se discute cidadania - tema que requer cariz emancipador para possibilitar a formação de um ser humano que saiba ler textos e contextos, mas que também seja capaz de ler a vida, o mundo e tudo o que acontece nele.

Aqui, destacamos o caráter amplo e permanente da formação do ser humano que foi tema recorrente no pensamento de Paulo Freire. O educador reconhece não apenas o caráter político da educação, mas a unicidade do processo educativo-comunicativo. Para ele, promover educação é fazer comunicação. (FREIRE, 2001).

Por considerar o importante papel da educação e dos processos pedagógicos na conquista de uma sociedade mais justa e democrática, Paulo Freire ressalta a necessidade de atuar no desenvolvimento da consciência transformadora. Segundo ele, a educação, como ato de conhecimento e como prática de liberdade é, antes de mais nada, conscientização, e seu valor está na busca de informações que promovam o progresso da sociedade em benefício da vida humana. (FREIRE, 2003).

Por fim, é preciso reconhecer o potencial educativo da mídia. Como aponta Baccaga (2011), os meios de comunicação em geral, assim como a escola e a família, comportam-se como agências de socialização, ou seja, de formação e construção da cidadania. Daí a importância de projetos que acionem diálogos educativos com a sociedade, das mais variadas formas e com todos os meios disponíveis e possíveis.

É essa premissa que nos faz considerar as Rodas de Conversa como estratégia educativa em potencial: elas podem sensibilizar leitores, estudantes e pesquisadores da área a compreenderem o papel que a imprensa desempenha na construção cotidiana dos valores que tecem e alimentam os direitos humanos.

Notas sobre as Rodas de Conversa do Prêmio Herzog

A primeira edição da Roda de Conversa, em 2012, ocorreu em um dos auditórios da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 2013, migrou para a Sala dos Espelhos do Auditório Simon Bolívar do Memorial da América Latina e a partir de 2014 passou a ocupar o Tucarena que, dada a sua estrutura circular, traduz a ideia exata do que se busca de uma atividade dessa natureza. Desde então, as edições anuais são abertas ao público e transmitidas ao vivo pela internet por meio de um trabalho colaborativo entre

emissoras de rádio e tv do espectro público capitaneadas pela TV PUC. As transmissões são armazenadas em vídeo e estão todas disponíveis na internet. Em função da pandemia do coronavírus que atingiu o planeta em 2020, a edição daquele ano foi realizada em formato remoto mas igualmente armazenada e acessível ao público no site do Prêmio.

A estrutura das Rodas de Conversa é bastante singela: os profissionais premiados nas diversas categorias são dispostos em círculo e convidados a relatar suas produções e a interagir com os demais colegas. Apesar do trabalho jornalístico ser, na maioria das vezes, uma ação coletiva, apenas um representante do trabalho premiado participa da atividade, por indicação da própria equipe de autores. Essa decisão foi adotada pelos organizadores para garantir o mesmo espaço de exposição e fala a cada um dos participantes. Evidente que mudanças e adaptações se fizeram necessárias ao longo das edições para evitar, por exemplo, que equipes de televisão, maiores por natureza, tivessem mais protagonismo que repórteres fotográficos ou artistas do traço – como ilustradores, cartunistas e chargistas. Outro aspecto que precisou ser revisto foi o da conversa livre entre os participantes – ideia original quando da organização da Roda mas que, em função do tempo limitado e para garantir igualdade de participação, fez-se necessária a introdução de dois ou três mediadores para conduzir os relatos, sugerindo conexões temáticas entre um e outro a fim de dar ritmo e sentido às narrativas.

Vale destacar que, desde a primeira edição, as Rodas são organizadas pela curadoria do Prêmio Herzog e mediadas por jornalistas convidados como Angelina Nunes (Abraji e Mulheres50+), Paulo Oliveira (Meus Sertões), Aldo Quiroga (TV Cultura / Departamento de Jornalismo da PUCSP) e Sergio Gomes (OBORÉ / Instituto Vladimir Herzog), que conduzem os depoimentos e a troca de ideias entre os participantes.

Em relatório de avaliação da edição de 2014, por exemplo, Angelina Nunes apontou que a falta de outros espaços para se discutir os bastidores de uma reportagem fez com que os jornalistas se abrissem para os microfones como nunca tinham feito em suas redações:

Por estar em campo neutro, o encontro gera uma camaradagem, uma troca de informações entre profissionais de veículos diferentes e cidades diferentes que estão em busca de uma coisa muito simples: falar do seu ofício. Nessa caminhada de falar do seu trabalho, o jornalista acaba dando uma aula sobre produção, como lidar com fontes, ferramentas usadas durante a reportagem, ética profissional, desafios profissionais e pessoais, encontros e desencontros com personagens, responsabilidade, negociação dentro das redações, relações entre colegas. Ou seja, um bastidor que não se vê dentro do próprio espaço de trabalho e nas salas de aula. (NUNES, 2014).

Outra impressão relatada pela jornalista foi a de que esses encontros, de fato, são aulas, uma oportunidade para alunos assistirem profissionais competentes no estado mais despojado, sem armaduras, cuja única bandeira é praticar um bom jornalismo. “Lamento que alguns professores não possam dispensar seus alunos das salas de aula para assistirem ao encontro e aproveitar, na prática, esses profissionais. Imaginem quantas entrevistas, perfis, crônicas seriam escritas por alunos ao final das Rodas!” (NUNES, 2014).

Quiroga (2014) descreve em mesmo relatório:

... Além de promover a troca de experiências e motivações entre os premiados, fomentando novas pautas e coberturas, outro objetivo da Roda é dar a conhecer os meandros da produção, permitindo assim a disseminação de boas práticas e métodos para os jornalistas e aprendizes.

Com o avanço dos anos, outros aportes adquiriram significado importante para os organizadores e participantes. Além do registro dos bastidores e da revelação das melhores práticas jornalísticas, itens que interessam principalmente a estudantes e profissionais em início de carreira, a Roda permitiu o intercâmbio de pautas e fontes: reportagens realizadas no sul do país e premiadas passaram a ser realizadas por jornalistas do norte ou centro-oeste, adaptadas à realidade local; fontes conhecidas pelos jornalistas do nordeste tornaram-se acessíveis aos jornalistas do sudeste.

Outro efeito colateral percebido nas nove edições até agora realizadas é o que Quiroga define como “catarse jornalística”.

No contato com os colegas de profissão e em espaço protegido, repórteres e editores não raro extrapolam o relato comedido e derivam em direção aos percalços pessoais, às dores e alegrias vividas nas ruas e no cotidiano das redações, à superação dos desafios e ao enfrentamento de limites impostos por circunstâncias, fontes ou chefias - realidades que estão muito distantes do leitor/ouvinte/ telespectador/internauta que tem acesso à reportagem publicada. (QUIROGA, 2019, p. 67).

Mais um aspecto observado é que as Rodas estão contribuindo para certa ruptura do ciclo programático de leitura diária de jornais, por exemplo, que impõe prazo de validade a seu conteúdo - e de consumo unilateral da informação, onde o leitor tem acesso apenas ao que o jornal “quis dizer”. Ao disponibilizar o trabalho premiado na internet, dando-lhe a chancela de excelência e organizado por tema, mídia, ano de produção e autoria, o material jornalístico fugidio ganha perenidade.

Ao criar o espaço público para revelar os bastidores da produção, mantendo esse relato no mesmo repositório, a Roda de Conversa introduz uma nova relação entre discurso jornalístico e um público leitor para as reportagens premiadas pois agora aciona um discurso complementar com um novo público - os próprios profissionais do jornalismo. Em outras palavras, ao participarem da Roda, os premiados produzem um discurso que não confronta, mas complementa e até critica as condições sob as quais a reportagem é produzida. Essa complementaridade é benéfica por ampliar e contextualizar as condições reais de produção de uma peça jornalística.

A seguir, destacamos alguns depoimentos que referendam o acima exposto. Adotamos como critério de seleção relatos mais significativos de temas categorizados tais como aspectos garantidores de publicação; envolvimento emocional com temas e fontes; linguagem e recursos estéticos para efeito de sentidos, temas recorrentes e importância da troca de experiências.

Aspectos garantidores de publicação

É no relato apresentado pelos repórteres nas Rodas - o registro histórico do seu processo de trabalho - que encontramos as marcas claras a respeito dos mecanismos de aprovação das pautas e dos meios e formas de efetivamente publicá-las. Entendemos que, na grande maioria dos casos, o que impele a empresa a publicar uma reportagem com temática sensível (como, por exemplo, as ligadas às temáticas dos direitos humanos) é a quantidade de dados, informações, documentos apurados pela equipe em campo, o furo jornalístico, a repercussão garantida e em primeira mão que trará visibilidade e retorno financeiro. Os jornalistas André Borges e Leonêncio Nossa, e os repórteres fotográficos Helvio Romero e Dida Sampaio, da equipe *senior* da sucursal de Brasília do jornal O Estado de S. Paulo, autores da série Terra Bruta: Pistolagem, devastação e morte no coração do Brasil, vencedores da edição 2016 na categoria jornal, são exemplos dessa questão. Ao conquistarem amplitude relevante em seu trabalho de apuração, redação e edição, dificultaram que a publicação fosse negada ou inviabilizada pela direção do jornal por uma razão fundamental: ela atende a parâmetros de excelência jornalística.

“A gente lá, louco para contar as histórias, os dramas, mas a gente sentiu - e é legal a gente dizer isso aqui porque é o dia a dia da redação, né - cadê o numerão? Cadê o numerão? [...] Foram nove estados que a gente passou. Foram quinze mil quilômetros de estrada, de chão percorrido. Onde a gente podia a gente levantava

informações, e cartórios ou em delegacias. [...] A pauta é de fato muito estranha ao jornal. [...] Não é todo dia que você vê material no Estadão abordando a questão da terra do ponto de vista do camponês, dos sem-terra, dos movimentos sociais que todos os dias são marginalizados pela imprensa em geral que repercute, praticamente diariamente, o que dizem os órgãos oficiais, o que dizem os pseudo-donos da terra, ou que se julgam como donos da terra. Agora, como a colega comentou, a realidade se impõe. E ela disse isso muito bem. Você está falando de quatro pessoas em campo trazendo informações, trazendo dados, trazendo documentos, trazendo histórias dramáticas, sangrentas. E aí, contra isso vai se argumentar o quê? [...] E uma coisa é preciso dizer – e esse é um papo aberto de troca de ideias jornalísticas – o material saiu. O material saiu como mandamos. Eu acho que isso tem que ser dito e é importante que fique claro. O jornal bancou o material.” André Borges / O Estado de S.Paulo (Terra Bruta – vencedor na categoria Jornal, edição 2016).

Envolvimento emocional com temas e fontes

Um exemplo do quanto é imprevisível e até onde pode chegar o envolvimento do repórter com a pauta e seus personagens está no relato de Letícia Duarte, então repórter especial do Zero Hora (Porto Alegre). Filho da rua, sua reportagem premiada em 2012, conta as dificuldades para tirar uma criança das ruas da capitla gaúcha. A produção, que deveria durar dois meses, levou mais de três anos. Seu relacionamento com o menino, a mãe, vizinhos, autoridades e agentes públicos relacionados ao caso fizeram-na questionar os limites da relação com a fonte. Outra característica comum a várias reportagens premiadas e sobre a qual Letícia joga luz é que a realização da reportagem premiada se deu no contra-turno ou nos intervalos das matérias diárias de interesse mais urgente dos veículos.

“Muitas vezes eu duvidei que a matéria ia sair porque parecia que ela escapava da mão. Embora fossem três anos, nesses três anos eu continuava fazendo todas as minhas pautas do dia a dia, né? Não estava dedicada apenas para fazer só isso”. Letícia Duarte / Zero Hora (Filho da rua – vencedor na categoria Jornal, edição 2012).

Linguagem e recursos estéticos para efeito de sentidos

Dentre as revelações das práticas jornalísticas também está a reflexão sobre a linguagem utilizada, a escolha das palavras, os motivos de omissão ou revelação de identidades de fontes e uso de recursos estéticos para produzir determinados efeitos de sentidos. Em 2015, a repórter Thaís Borges, do Correio da Bahia, integrante da equipe que recebeu menção honrosa na categoria multimídia com a reportagem O silêncio das inocentes,

oferece aos internautas a experiência de ouvir em repetição infinita frases de depoimentos de mulheres vítimas de estupro na adolescência.

“A partir desses depoimentos delas, a gente separou frases impactantes e misturou. Aí pedi para algumas colegas da redação para gravar essas. Todas gravaram todas as vozes, todas. E aí a gente colocou essas vozes, com um tempo de mais ou menos 15 segundos entre uma e outra, e elas ficaram em *looping* eterno no site. Você não pode parar de ouvir. Você vai se incomodar com aquilo, você vai querer parar. A gente também queria parar. Imagina a loucura. Foi uma decisão nossa: o estupro tem que incomodar. Era uma decisão desde o início, Não dava mais pra aceitar esse silêncio nosso.” Thaís Borges / Correio da Bahia (O silêncio das inocentes – vencedora na categoria Multimídia, edição 2016).

Temas recorrentes

Depoimentos da Roda também revelam a recorrência de temas tratados pelos repórteres em suas trajetórias pois sem solução a curto, médio ou longo prazos dada sua complexidade social e política. Valmir Salaro, repórter dedicado a cobrir violência policial desde os anos 1980, lamenta, trinta anos depois, o aumento dessa situação – cada vez mais crítica.

“Em 1983 eu ganhei um prêmio e uma menção honrosa com dois grandes colegas denunciando ações da PM que prendia, julgava e executava. No ano seguinte, também ganhei mostrando os grupos de extermínio que existiam no Brasil. [...] Então, há trinta anos atrás a gente já denunciava a violência policial, a violência contra o preso comum, contra pessoas da periferia, normalmente negras, sem estudo, sem formação, pobres à mercê do crime organizado ou do poder absurdo que a polícia exerce até hoje”. Valmir Salaro / TV Globo - SP (Tortura na Fundação CASA – vencedor na categoria Televisão, edição 2013).

Troca de experiências

Também recolhemos de participantes das Rodas depoimentos sobre a experiência de participar de uma ação com proposta pedagógica clara e incentivo à troca de saberes, compartilhamento de pautas e de fontes.

“Aqui tive a oportunidade de conhecer melhor o processo de trabalho de companheiros brilhantes e isso já está me estimulando a aprimorar o meu trabalho ainda mais... Perceber a dificuldade em exercer a profissão, algo enfrentado por muitos aqui, nos coloca diante de um desafio que não se dá apenas no âmbito do indivíduo e sua função, mas um debate dos meios de produzir comunicação social. Um jornalismo que defende os direitos humanos não pode ser feito em condições menos humanas.” Robson Vilalba / Gazeta do Povo - PR (Pátria Armada Brasil – vencedor na categoria Arte, edição 2014).

“Este é um momento em que saímos da solidão de nossas carreiras e nos sentimos incluídos em um contexto, o dos jornalistas que acreditam que é possível e necessário fazer algo além do cotidiano.” Herbert Araújo / CBN - PB (História de Flor – vencedor na categoria Rádio, edição 2014).

Considerações finais

Desde a primeira edição da Roda de Conversa com os ganhadores do Prêmio Vladimir Herzog, em 2012, ficou evidente que os relatos trazidos pelos profissionais do jornalismo, em suas diversas funções, continham elementos que, colocados em perspectiva e em conjunto, conformariam um verdadeiro mapa para a produção de conteúdo jornalístico de qualidade - tanto para a cobertura em geral como, em particular, para potencializar reportagens de assuntos relacionados aos direitos humanos.

O primeiro deles foi romper com a ideia de que a chamada imprensa hegemônica não abre espaço para conteúdos relacionados a essa temática. Outro aspecto que pode ser destacado é que se os grandes veículos abrem espaço para essa cobertura, nem sempre esse espaço é facilmente conquistado. São comuns relatos indicando que a pauta vencedora nasce por iniciativa ou proposta do próprio repórter, que a empresa muitas vezes não fornece a estrutura considerada ideal para a realização de um trabalho volumoso de produção e que nem sempre o jornalista consegue se dedicar somente a essa pauta especial, geralmente produzida em paralelo com outras coberturas mais ‘urgentes’.

Das Rodas também aprendemos orientações sobre como superar obstáculos. A primeira é perseguir uma apuração consistente, variada e de qualidade. Ou seja, é justamente o procedimento mais básico da profissão, quando realizado de forma extenuante e disciplinada, o primeiro elemento que pode garantir a sua publicação.

Outro dado é o planejamento que garante conciliar as pautas cotidianas com as entrevistas e a produção de uma grande reportagem com temática sensível. São poucos os colegas com condição de se dedicarem por semanas a um único tema, a uma única apuração. Isso não pode ser considerado cerceamento da cobertura de direitos humanos, mas uma característica própria do ofício que prioriza o mais urgente, num contexto de precarização profissional.

Com isto, não naturalizamos aqui a jornada dupla ou o contra-turno comum a muitos jornalistas que levam “trabalho para casa” ou seguem uma apuração ou

reportagem após o horário do expediente. A ideia do jornalista 24/7 é um romantismo conveniente que cobra caro da qualidade de vida e da saúde do profissional da comunicação. Mas vale o registro da realidade enfrentada nas redações para alertar sobre a importância de se administrar bem o tempo e programar as saídas e viagens para garantir, sem fugir da pauta prioritária, uma cobertura especial e que pode fazer a diferença na teia de valores de uma sociedade que ainda defende valores democráticos.

Como já registrado, muitos jornalistas, ao longo das nove edições das Rodas de Conversa, destacaram que a pauta vencedora partiu de iniciativa própria. Ou seja, de inquietações dos próprios autores, que apuraram e checaram as informações e as ‘venderam’ às chefias de seus veículos.

Isso pode parecer um fato corriqueiro, mas basta um rápido olhar ao interior de uma redação, com sua rotina precarizada, para entender quão relevante é essa constatação. As redações de grandes e pequenos veículos estão afetadas pela redução de orçamentos e pessoal há anos. Esse ambiente, com metas de produtividade e audiência a conquistar, cede espaço a um tipo de jornalismo também precário. Com textos menores e mais superficiais, as empresas de mídia atendem a uma demanda de consumo, mas abrem mão da cobertura aprofundada e que migra para seções ou publicações temáticas.

Os trabalhos premiados pelo PVH vão na direção contrária. E como os assuntos que envolvem os direitos humanos, invariavelmente, são focados em populações vulneráveis, não fosse o protagonismo do autor na proposição da pauta, dificilmente essa pauta ganharia notoriedade. Porque o conteúdo pronto que chega às redações precisa de financiamento. Alguém paga pela sua produção. As populações vulneráveis não têm como pagar uma produção que seja atalho para a atenção dos jornais. Nesse sentido, é possível considerar a ideia de que o jornalista também pode abrir brechas para a voz de quem não tem espaço de veiculação.

Talvez essa seja a lição mais importante dada pelos jornalistas vencedores do Prêmio Vladimir Herzog nas Rodas de Conversa: a melhor produção de jornalismo sobre direitos humanos no Brasil exige o protagonismo e a indignação de quem a realiza.

Do lado dos organizadores, fica o compromisso de possibilitar à sociedade brasileira a compreensão de que a evolução da Democracia no cotidiano depende de meios de comunicação, depende de profissionais qualificados, com capacidade de reflexão crítica e comprometidos com a causa pública.

Referências bibliográficas

ABRAJI. **Cartilha sobre medidas legais para a proteção de jornalistas contra ameaças e assédio online**. São Paulo; Brasília: Abraji; OAB Federal, 2021. Disponível em: << https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/helpdesk_info/details_file/f62fcecc-b35b-4977-85b1-e4008a1f9b24/cartilha_ABRAJI_OAB_completa_com_cr_ditos_1_.pdf >>. Acesso em: 12 Ago 2021.

BACCEGA, M.A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In CITELLI, A. e COSTA, M.C.C. (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BORGES, A. Depoimento à 5ª Roda de Conversa do Prêmio Vladimir Herzog, em 25 Out 2016. In: QUIROGA, A. P. F. **Rodas de Conversa Vladimir Herzog: um estudo das estratégias para a cobertura jornalística de direitos humanos no Brasil**. São Paulo: PUCSP, 2019, p.111-116.

BORGES, T. **O silêncio das inocentes**. Correio da Bahia, 2016. Disponível em: << <https://blogs.correio24horas.com.br/silenciodasinocentes/> >>. Acesso em: 12 Ago 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: << <http://www.senado.leg.br/atividade/const/constituicao-federal.asp> >>. Acesso em: 10 Fev 2020.

COMITÊ PARA PROTEÇÃO DE JORNALISTAS. **Jornalistas atacados no Brasil desde 1992**. Disponível em: << <https://cpj.org/americas/brazil/> >>. Acesso em: 10 Fev 2020.

DUARTE, L. **Filho da rua**. Zero Hora, 17 de junho de 2012. Disponível em: << <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/eu-sou-filho-da-rua/phone/filho-da-rua.html> >>. Acesso em: 12 Ago 2021.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. **A violência contra jornalistas e ataques à liberdade de imprensa no Brasil**. Relatório 2019. Disponível em: << https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf >>. Acesso em: 10 Fev 2020

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**. Relatório 2020. Disponível em: << https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf >>. Acesso em: 12 Ago 2021.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2001, 42ª ed.

FREIRE, P.. **Educação e Atualidade Brasileira**. São Paulo: Cortez/IPF, 2003, 3ª ed.

GOMES, A.L.Z. Comunicação Pública e Direitos Humanos: revisitando boas práticas de formação para a cidadania In: **Comunicação e Educação - Práticas educativas e interatividade em comunicação e educação**. 1ª ed. Ilhéus - BA : EDITUS - Editora da UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz, 2016, v.3, p. 11-23.

GOMES, A.L.Z. **História política do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos**. Disponível em: << <http://premiolvladimirherzog.org/o-premio/> >>. Acesso em: 04 fev. 2020.

NOSSA, L.; BORGES, A.; SAMPAIO, D.; ROMERO, H. **Terra Bruta: Pistolagem, devastação e morte no coração do Brasil**. O Estado de S. Paulo, 10 - 18 Jul 2016. Disponível em: << <https://infograficos.estadao.com.br/politica/terra-bruta/> >>. Acesso em: 12 Ago 2021.

NUNES, A. **Meu relato sobre a Roda de conversa**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < analuisagomes@obore.com > em: segunda-feira, 3 de novembro de 2014, às 22:36.

QUIROGA, A.P.F. **A roda girou** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < analuisagomes@obore.com > em segunda-feira, 3 de novembro de 2014, às 11:55.

QUIROGA, A.P.F. **Rodas de Conversa Vladimir Herzog**: um estudo das estratégias para a cobertura jornalística de direitos humanos no Brasil. 2019. 125f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS (RSF). **Classificação Mundial da Liberdade de Imprensa 2019**. Um período sombrio que se anuncia. Disponível em: << <https://rsf.org/pt/brasil> >> Acesso em: 10 Fev. 2021.

SALARO, V. **Tortura na Fundação CASA**. Rede Globo, Fantástico, 2013. Disponível em: << <http://g1.globo.com/politica/dias-de-intolerancia/platb/#inicio> >>. Acesso em: 12 Ago 2021.